ANNO DE 1831. SEXTA FEIRA 8 DE ABRIL NUMERO 74

# DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se mensalmente a 640 reis pagos adiantados, em caza do Editor rua Direita, n. 267; Somente onde tambem se receberáõ correspondencias, e anuncios: estes inserem-se gratis, sendo de assignantes, vindo assignados, e com o lugar da morada, e serao' publicados no dia immediato ao da entrega, sendo esta feita até o meio dia, e vindo rezumidos.

PERNAMBUCO; NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA, RUA DAS FLORES, N. 18. 1831.

## INTERIOR.

*Rio de Janeiro* 15 *de Março.*

NEstes ultimos dias, desde sexta feira passada, o Rio de Janeiro tem sido perturbado com scenas, bastantemente assustadoras, e em que a dignidade nacional tem sido ferida no vivo. A pretexto de festejarem a feliz chegada de S. M. I., muitos homens, pertencentes quasi todos ao corpo do commercio, e habitando a cidade, da rua dos Ourives para o mar, offereceraõ huma attitude hostil que naõ poderia ter resultados senaõ tristres. Na noite de 11 (sexta feira) magotes de 6, 8, e 12, armados de paus, passeavaõ as ruas, que na quadra que vai dos Ourives exclusivamente para baixo, estavão com esplendor illuminadas, e as provocações contra Brazileiros, contra as pessoas que traziaõ o tope nacional, começaraõ desde entaõ. O enthusiasmo e phrenesi desta gente, agitada sem duvida por braço invisivel, e muitos servindo simplesmente, e sem o pensarem, para a execuçaõ de planos detestaveis, cresceu na seguinte noite. A rua da Quitanda encheu-se de fogueiras, de fogos do ar, de girandolas: choretos de musica foraõ collocados em varios pontos; a multidaõ dos assistentes avultava de momento a momento; os insultos, as offensas dirigidas a quem naõ teve a fortuna de nascer em Portugal, foraõ a mais, e apenas diminuiraõ de violencia, quando huma pequena quantidade de moços do paiz, ou indignados de tanta audacia, ou dezejosos de mostrar que o espirito de liberdade naõ fôra suffocado, atravessaraõ as ruas, em que se solemnisavaõ os festejos, dando vivas á *Constituiçaõ*, á *liberdade*, á *Assembléa Geral*, á *Imprensa livre* aos *Brazileiros*, ao *Imperador em quanto Constitucional*, *etc.* Porem na noite de 13 (domingo) que se esperava ser a ultima dos regosijos, tinhaõ-se já tomado em segredo, e por ajuste, as providencias proprias para se repellir com violencia esta banda de patriotas, quando, por ventura apparecesse. Segundo ao depois se soube, muitas cazas haviaõ-se munido de fundos de garrafa, de armas de fogo, fez-se convocaçaõ e chamada até aos adoptivos e Portuguezes que moravaõ pelo interior da cidade, e túdo se preparou para hum attaque, aonde os intitulados amigos da ordem, devião ser os aggressores. Os moços, em numero (se exactamente nos informão) de 80, ou 100 avançárão sem hostilidade pela rua da quitanda, correspondendo aos grittos de --- *Viva o Imperador* --- *vivaõ os bons Portuguezes*, etc. com aquelles que acima notámos, mas na altura do canto de S. Pedro ao das Violas, rompeo sobre elles a batteria dos fundos de garrafa; a multidão dos festeiros appareceu armada de cacetes, e até dando tiros de pistola. O mesmo com pouca differença se passou na rua direita. O pretexto que mais commummente allegaõ os aggressores, ou seus coniventes para esse attentado, (porque elles variaõ nos motivos, e parecem naõ se ter ainda combinado a tal respeito) he que se haviaõ dado vivas á *federaçaõ*.

Não o duvidamos: sabe-se muito bem qual he hoje a effervescencia dos espiritos, e que alguma gente, principalmente entre os jovens, descontentes de hum governo cujo descredito merecido he todos os dias maior, abraçaõ com avidez qualquer mudança que se lhes indique. O grito da federaçaõ he, quanto a nós, naõ só imprudente, mas perigoso, porque tende a dividir os animos, e a fomentar partidos entre as mesmos Constitucionaes. Porêm, por ventura eraõ aquelles que começáraõ o attaque, juizes competentes na materia, ou decide-se huma questaõ politica a fundo de garrafa? Nós suppomos que muitos dos que procederaõ por hum modo taõ detestavel, foraõ illudidos; que a sua ignorancia deu lugar a que os intrigantes, mandados de proposito a tal fim, se aproveitassem da occasiaõ, para inspirarem no Rio de Janeiro hum terror que elles julgaõ salutar, e que naõ he de facto, senaõ hum rompimento de hostilidades, que Deos sabe aonde chegaraõ, e quando teraõ fim. Para os factos praticados na Bahia, e Pernambuco

contra os nascidos em Portugal; para o rancor da populaçaõ que infelizmente elles ganharaõ, naõ houve outra origem. O que se passou agora, tem enchido de indignaçaõ e terror a quantos tem o coraçaõ Brasileiro. O sangue correu, e o sangue derramado pede sangue: tristes effeitos dos odios e dissenções civis! Por outro lado ainda, he notavel a imprudencia de quem aconselhou semelhantes loucuras: naõ vem que assim compromettem o credito, e honar daquelles, cuja opinião na Camara dos Deputados seria que se mantenha a Constituição tal qual, sem mudança alguma? que os collocão entre a vergonha de serem talvez olhados como servos humildes do partido recolonizador, e a sua propria consciencia?.... Depois deste grande feito de armas, a audacia dos festeiros subio ao maior auge: hum gruppo de mais de trezentos atravessou differentes ruas, dando vivas — ao *Imperador*, á sua *Imperial Familia*, e misturando com estes. os gritos sediciosos e ineptos de — *morra o Republico*, *morraõ os Republicanos*, bem como outros gruppos amalgavaõ o nome nacional do *Imperador* com os clamores de — viva a *heroica Naçaõ Portugueza*, vivaõ os *bons Portuguezes*, ou os *Portuguezes Brasileiros*, especie de criaturas que não conhecemos, monstruozidade politica de que não ha noticia, pois he impossivel pertencer a duas nações ao mesmo tempo.

Na occasião *da gloriosa batalha*, o theatro da guerra foi coberto de tropas, cujo serviço unico foi o de tirarem quaesquer armas, ou paus àquelles individuos que parecião Brazileiros, deixando alias que os do outro lado andassem em grandes magotes correndo as ruas, praticando impunemente toda a especie de violencias. Se estas forão as ordens que os militares, especialmente a Policia, haviaõ recebido, não o sabemos, mas afirmão-nos que sim, e os factos sufficientemente o demonstrão. Da connivencia de certas Authoridades tivemos prova infallivel; a nossa caza, e pessoa foi por veses insultada com injurias as mais grosseiras, porque não haviamos posto luminarias, isto talvez para mostrar se a espontaneidade com que tudo era feito. Em huma destas occasiões, hum magote, cuja força excedia de 200 homens, esteve altercando comnosco por espaço de mais de 10 minutos; e no canto da Quitanda, que nos fica tão proximo, havião diversas patrulhas rondantes, que se deixarão ficar mudas expectadoras de semelhante quadro. Sem duvida, a tropa foi mandada sò para proteger os *fieis*, para dar-lhes coragem, a fim de que podessem satisfazer plenamente o seu entuziasmo. Talvez se encontre pouca serie nas nossas idéas, mas escrevemos estas linhas, ainda entre o ruido dos troços de força armada que correm de hum ponto para outro, sem motivo, e como só para dar idéa de que ha inimigos, cujo attaque se receia, entre, os grittos que se soltão a nossa porta de — *morrão os Deputados republicanos* — *morra quem não poz luminarias* — *vivão os bons Portuguezes* — *morra o Republico* — *e viva o Imperador!* O ridiculo todo do contraste feito entre aquelle que està no primeiro degrão da escala politica, cercado de força e brilho, e hum joven jornalista, cuja unica importancia social he o seu periodico, e a sua coragem, talvez desmedida, mas que por este meio se vai dár agora hum apreço grandissimo; não foi sentido por quem subministrou a norma para os *vivas* e *morras*. Não notarão que assim se justificavão para com o publico os excessos anarchicos de hum escriptor, que os *enemigos da Auctoridade e da ordem* pertendem agora anarchicamente punir, a seu alvedrio — *e com a morte*. Sim; escrevemos ainda entre os clamores de huma multidão que nos ultraja, sem saber o porque, talvez porque assim lh'o determinarão. Ainda agora, na noite de 14, as luminarias se repetem em varias cazas, ainda os gruppos sediciozos circulão, bem que naõ tantos, nem em tamanho numero; os estafetas, os ordenanças, e os soldados da guarda de honra discorrem á redia solta, como quem vai salvar a patria. Que scena tão burlesca, se naõ olhassemos as consequencias!

Ficou ditto que não illuminamos a frente da nossa habitação: cumpre dár ao publico, e não a hum partido, a razão do que fizemos. Em primeiro lugar convem notar-se que no primeiro dia, da rua dos Ourives inclusive, para cima, muito poucas cazas se illuminarão, e que foi so no terceiro, que ou o terror, ou o espirito de imitação fez avultar hum pouco mais o seu numero. Essa rua servia neste caso de linha divisoria, assim como era ja a outros muitos respeitos, entre a Cidade, e a Cidadela; entre os *Fluminenses*, e os que a si mesmos se denominão *Portuguezes*. Nòs, he certo, que nos achamos encravado no territorio dos ultimos, porem não julgamos que huma tal circunstancia lhes dèsse direito para exigir de nòs a servil, imitação de todos os seus actos. Porem houve huma cauza que nos determinou sobre tudo a não os accompanharmos na sua festa, e foi o dezejo que temos de ser co-

herente, a obrigação que contrahimos de fallar sempre verdade, muito mais a respeito dos interesses e negocios Publicos. Nos não quisemos concorrer para que o Monarcha fosse enganado. Estas illuminações, estes regozijos ser-lhe-hão pintados por seus adaladores, pelos parasitas de Palacio, como prova segura de que o povo está muito contente de que nada em prazer, de que a simpathia he grande com o seu governo; foi mesmo para este fim que elles traçarão hum tal plano. Não tomaremos parte n'uma traição tão manifesta, que se faz ao Imperador e ao Brazil, e de que são instrumento passivo homens simplices, que accreditão talvez assegurar assim a sua existencia, e repouso, quando os compromettem e abalão pelos alicerces. O povo Brazileiro està sepultado no lutto; naõ ha confiança nas Authoridades; o Poder se desacredita pelos alliados mesmos que procura; a massa da Nação se desliga dos governantes; e nòs daremos demonstrações de hum falso jubilo? Faremos causa commum com hum partido, que ou cego, ou fascinado, naõ quer pertencer aos nossos interesses, que todos os dias o declara, e que vem de estremar-se totalmente do geral da populaçaõ? Nòs o lastimamos, mas naõ podemos seguil-o. O nosso coração he do Brazil; as nossas açòes, ainda as menos importantes devem pertencer-lhe. E quaes quer que sejão os futuros preparados á nossa patria e a seus filhos, nunca nos arrependeremos, quando houvermos procedido conforme às inspirações da nossa consciencia. Estamos todos na borda de hum abismo, e porque alguns loucamente ahi folgaõ e cantão; cantaremos e folgaremos tambem com elles!.... Porèm o estado das cousas ainda obscuro, e a esperança de proximos, importantes acontetimentos impede-nos de alongarmos por ora mais as nossas reflexòes que poderaõ ao depois vir melhor ajustadas com os successos que tantos simptomas estão agoirando.

*(Da Aurora Fluminense.)*

## NAVIOS A CARGA.

### ARA FRETAR

ACha-se pronta de tudo, para quem quizer fretar a bem construida, velleira, e forrada em cobre Galera Aguia do Brazil chegada proximamente do Rio de Janeiro, com escalla pela Bahia e comandada, por Antonio Jozé da Luz bem conhecido, por hum dos melhores Capitães, que tem navegado tanto, para os portos da Europa como para os da Azia. Quem a pertender fretar para o Porto, Lisboa, ou o Havre de Grace pode fallar, com o mesmo Capitam a seu bordo ou todos os dias na praça das 11 horas da manhã até as 2 da tarde; e se declara mais ter dita Galera uma grande Camera e diversos camarotes, que offerecem o melhor comodo para passageiros, que nella se queiraõ transportar.

## LEILA'O HOJE.

NO armazem de Agostinho Eduarda se faz leilaô hoje pelas 11 horas da manhã de chá em caixas grandes, sevadinha, esteiras da India, e escravos da Costa.

## VENDAS.

FEixaduras em meio uzo, com algum desconcerto: no armazem n.° 12 a entrada da rua dos Tanoeiros.

— Huma porção de rotim de muito superior qualida chegado da Bahia na Galera Aguia do Brazli (proximamente) e ha de descarregar para Alfandega no primeiro dia de sua abertura depois dos da actual festa de Pascoa; na Rua do Vigario caza N.° 8.

## ARRENDAMENTO.

UM sitio ao pe da Casa forte no caminho do Cordeiro antes de chegar ao do Charão. 7 janellas de frente, comodos para 2 familias, sanzalla, e estribaria para 3 cavalos, uma pequena baixa com capim para 2; larangeiras pinheiras, etc: a tratar na loje do Mendonça rua da cadeia velha n. 55.

## ALUGUEIS.

QUem precisar de uma ama de leite, branca, anuncie-se.

— Na rua do Rangel D. 37 ha outra.

— Na rua do Padre Floreano D. 26, lado do poente, ha uma creada de todo o serviço, de portas dentro.

## PERDA.

PErdeu-se uma espora pequena de prata, do uniforme de Cavalaria: na rua do Queimado loge de f zendas D. 11.

— No dia Quinta feira Santa, de Santa Theresa ate S. Francisco uma ataca pequena de pedras: ao entrar da rua do Rangel loje D. 37.

## AVISO PARTICULAR.

Aviza-se ao Respeitavel Publico que o consulado de França mudou-se para a Caza N.° 4 na mesma rua da Cruz.

— O Vice-Consulado Portuguez, acha-se estabelecido na Rua do Forte do Mattos Caza N.° 142, 2.° andar. Todas as pessoas, que com elle tiverem pretenções podem ali dirigir-se todos os dias desde as 9 horas da manhã atè as 4 da tarde a excepçaõ dos Dias Santos;

— Quem percizar de huma ama de casa; dirija-se a rua do Padre Floriano, Casa D. 26.

— Preciza-se Feitor amistrado em tratar arvores de espinho, e que entenda de outras plantas; para adminitrar um sitio na ponte de Uchoa; solteiro, e que dê conhecimento da sua conducta: no Escriptorio N.° 22 rua da Cruz do Recife.

— Preciza-se de hum homem nautico, que saiba a bordo de qualquer navio dezempenhar os cargos de Contramestre e Piloto; aquelle que se achar nestas circuntancias procure na rua do Vigario caza N.° 8, onde se lhe declarara', que navio é, e o destino que se lhe pertende dár.

— Quem tirou do Correio uma carta do Vigario Manoel Jose de Oliveira queira entrega-la na rua Direita no Sobrado n. 307.

— Arrenda-se um sitio mais ou menos longe desta Praça, que não exceda de legoa e meia com as comodidades seguintes comodo para vacas de leite, baixa para capim, algum mato virgem, e se houver arvores de fructo melhor: quem o tiver anuncie-se.

## NOTICIAS MARITIMAS.

*Navios entrados no dia 1.° do corrente.*

— Porto de Pedras; 1 dia; S. *Estrela Matutina*, M. Antonio Francisco Nunes: caixas: de Antonio Rodrigues Lima.

— Portsmouth; 38 dias; B. Ing. *Huskinson*, M. Rodereck M. Leol: em lastro: a Johnston Pater e C.

— Liverpool; 45 dias; B. Ing. *Kitty*, Cap. David Hardie: em lastro: a Jones e Whynne.

— Boston; 55 dias; B. Amer. *Ceres*, Cap. James Snow: farinha e outros generos: a L. G. Ferreira e Mansfield. Passageiro — D. S. Johuson. Seguio para o Rio de Ianeiro no dia 3.

*Entrados no dia 2.*

— Rio Formoso; 1 dia; Can. *Conceição do Pilar*, M. Manoel Falcão: caixas: de Jose Antonto Falcão. 3 passageiros.

— Nantucket pelo Mar pacifico 35 meses, G. Amer. *Fame*, Cap. J. S. Ramsdell: aseite: a A. P. Clack. Seguio no dia 3.

*Entrados no dia 3.*

— Rio Formoso; 1 dia; L. *Calvario da Santa Cruz*, M. Jose de Deos Monteiro: caixas: a Joaquim Gomes Vellar.

— Buenos Ayres; 29 dias; B. Ing. *Treasurer*, Cap. Daniel Studdart: em lastro: a Russell Mellors e C.

— Havre; 46 dias; B. Franc. *Elise*, Cap. Garnier fasendas ao Capitaõ. Passageiro — Alexandre St. Martin, sua mulher, a mai, e uma costureira, J. C. Getten, e Geo. Obrecht.

— Lisboa; 43 dias; B. Port. *Boa Fortuna*, Cap. Mathias de Almeida Castro: vinho e sal: a Luiz Eloi Durão. Passageiros — Antonio Pedro Guimaraens, Pedro Hermenegildo da Cruz, Maria David com 4 filhas, e Francisco Antonio dos Santos.

— Boston; 45 dias; B. Amer. *Sophia*, *Eliza*, Cap. John A. Bater: taboado, carne, manteiga, e mobilia: a L. G. Ferreira e Mnsfield.

— Rio Grande do Norte; 7 dias; B. *Presidente*, Cap. Themoteo Coelho Siqueira: sal, solla, coiros, e algodão: a Antanio Jose de Amorim.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA N. 81

# SUPPLEMENTO AO DIARIO N.° 74.

PERNAMBUCO; NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA, RUA DAS FLORES N. 18. 1831.


SNR. EDICTOR. -- Huma maledicencia mordaz, huma adulaçaõ vil, huma historia especioza, e mutilada he o que se colige da miseranda, e pobre correspondencia do – Um Estudante – inserida no Diario N.° 71. Infelismente a vulgarizaçaõ do facto he suficiente demonstraçaõ da pouca sinceridade do seo atrabilario correspondente; mas entretanto eu lhe vou succintamente contar o acontecimento relativo á morte do *Senhor* Cunha *generozo*, deixando preambulos, e lamentaçoes, que só servem de enfeitar a mentira, e naõ a verdade, que naõ necessita de atavios.

Pouco vem ao cazo referirmos as viagens do *Senhor* Cunha, sua *generozidade, talentos, virtudes domesticas*, e todas as suas heroicidades, que o tornaõ digno de se lhe aplicar as *palavras do Orador Francez " Chaque l'arme veroée sur sa tombe sera une ofrande a la vertu"* porque a historia nos naõ diz couza alguma a cerca d'elle, e nem *sua tenra idade* naturalmente lhe daria tempo para ganhar tão grande nome, menos que se naõ diga, que o simples facto de ser filho de hum *Visconde Senador* traga annexo á si taõ excellentes qualidades ..... Fallaremos só do facto tal qual aconteceo. He costume nas Academias, ou pelo menos na de Olinda cassuar-se aos que pela primeira vez se vem matricular; mas querendo alguns estudantes, ou por outra, querendo huma certa Aristocracia do Curso, e os pequenos satelites, que a cercaõ, izentar ao *Senhor* Cunha de pagar este tributo escolastical, ja mais foi possivel Joaquim Serapiaõ de Carvalho annuir com taõ descarada parcialidade; visto que a respeito dos outros estudantes se naõ admettia alguma indulgencia. Por diferentes occaziões se encontrou Serapiaõ com o *Senhor* Cunha, e poz em pratica sua rigoroza justiça chamando-o – o Caloiro – appelido, que só dezigna o tempo de frequencia no Curso, e naõ injuria ao menos levissima. O prejuizo Viscondèço do *Senhor* Cunha, e o interesse dos seos padrinhos em defende-lo da cassuada tornou Serapiaõ mais pertinaz, e d'aqui rezultou adquirir a ma vontade dos seos opozitores, como se divulgou pelos estudatnes.

Em a noite porem do dia Terça-feira, depois de ter Serapiao estado na calçada de Palacio velho conversando com alguns estudantes inclusive seo mano Francisco Manoel de Carvalho, Antonio Joze Machado, Urbano Sabino Pessôa, e Joaõ Paulo de Carvalho, quiz voltar para sua caza, como fez ver á seos cò-ambulantes, que prezenciaraõ todo o barulho; mas faltando-lhe seo companheiro de caza Manoel Sobral Pinto foi chama-lo ao Bilhar para hirem cèar: n'este tranzito encontrou-se Serapiaõ com o *Senhor* Cunha, que estava sentado com Felis Ribeiro Rocha, e outros gozando do bello luar; e recordando-se do costume dirigio-lhe estas palavras – Adeos Visconde caloiro – Este, que estava ja insuflado (conforme disse no Bilhar o Estudante Rocha de S. Paulo, depois do facto acontecido) por meia duzia de cabeças de vento para dar no Sarapiaõ, logo que este ouzasse chamar-lhe caloiro, naõ poz duvida em lançar maõ de huma bengala, e desafia-lo dizendo-o – queria ensinar: Aceita Serapiaõ o dezafio, e apenas se foi aproximando, o *Senhor* Cunha deo-lhe duas bengaladas de rijo: ao que accudio Francisco Manoel de Carvalho, e Joaõ Paulo de Carvalho: aquelle para soccorrer seo mano; e este para apartar a contenda: mas desgraçadamente quando o *Senhor* Cunha repetia terceira bengalada em Serapiaõ, que naõ levava de modo algum páo, ouvio-se-lhe pronunciar – Serapiaõ matou-me –, e se veio arrastando para o Bilhar, d'onde foi conduzido á caza do Dezembargador Jansen, e ahi falecèo logo depois. Aqui tem V. m. a verdade, que pode ser attestada pelos expectadores e de boa alma, especialmente pelos apontados. Vamos combina-la com o que disse o Snr. – Um estudante. – e entaõ decididamente conheceremos o embuste.

Devemos primeiramente notar o acatamento, com que elle falla no nome do *Senhor* Cunha, e o disprezo no do Serapião: o que indica ........ Naõ he necessario dizer o que he evidente. Em segundo lugar diz que " Alguns Estudantes por valentões, ou por prejuizos andavaõ armados com dezaprovaçaõ dos collegas " Ficou introduzido este uzo d'esde o 2.° anno do Curso, que começaraõ aparecer negras intrigas, e dissensões escolasticas á medidas que a Academia foi se compondo de muitos membros heterogeneos, tendo havido huma paz, louvada pelos Olindenses, no primeiro anno, e parte do segundo. Em 3.° lugar diz Que Serapiaõ tinha antipathizado com o caloiro *por sentimentos baixos, e ideias servis* Basta dizer que sendo elle justiceiro, como se provou, retrocede-se o argumento á seo calumniador, e seos amigos. Em 4.° lugar diz Que o Serapiaõ prometera dar bofetadas na cara do *Senhor* Cunha" Naõ he capaz de provar, nem mesmo o Snr. Euzebio de Queiros Coitinho, em cuja caza querem que fosse feita semelhante promessa. Em 5.° lugar diz

Que Serapiaõ insultara o *Senhor* Cunha com palavras immundas " Naõ fez mais que dizer-lhe – Adeos caloiro Visconde – Eis aqui as palavras immundas!! Eis aqui como se mente!! Eis como se adula!! Haja vista aos expectadores, que estavaõ com os olhos bem vivos, e que andaraõ contando o sucesso a quem quizesse ouvir. Finalmente rompe o Senhor – Um Estudante – na impudencia de dizer " Que houveraõ bengaladas reciprocas " O *Senhor* Cunha foi o aggressor, e unico que estava na turma com bengala, alias Serapiaõ talvez naõ lançaria maõ de hum meio taõ violento, e do qual na verdade se naõ devia servir, a naõ estar colerico, e inteiramente destituido de razaõ: o que o torna mais criminozo, conforme V. m. bem judicioza, e imparcialmente notou na sua viridica observaçaõ, filha da madureza, e da sinceridade. Em quanto a convençaõ dos Estudantes para o lucto, reduzio-se á poucos, que na verdade andaraõ com seo fumo em testemunho de huma dor intensa que naõ chegou para o Padre Fonceca, estudante do 4.° anno, que estava muito acima do *Senhor* Cunha, e que merecia pelos seos talentos, e verdadeiro patriotismo, a contemplaçaõ dos Senhores Estudantes; mas naõ xuxou nem fumos, nem magotes de – chora – mortes – á porta etc. etc. Foi-se caladinho para a Eternidade!!! Grande couza he ser filho de *Visconde Senador*, que pode promover algum despachinho para a gente!!

Eu naõ trato, Senhor Redactor, de defender a Serapiaõ, que pelo seo crime só merece comiseraçaõ, e muita comiseraçaõ; assim como naõ trato de increpar o *Senhor* Cunha, e outros Senhores, de quem fallo: sómente cuido de desmascarar a impostura, manifestar a verdade, julgando cumprir com este procedimento hum dever sagrado, que me he imposto.

Sou cordialmente

Seo leitor humilde,

*O verdadeiro.*

## *ANUNCIOS.*

CONSTANDO-ME, que o Senhor Joze Venancio Pimenta de Carvalho tem dicto a varias pessoas, que o Snr. Consul da Olanda emprestára 4 contos de réis a minha irmãa D. Anna Benedicta Boaventura do Carmo, Senhora do Engenho Matupiruma, favor que lhe fizera por intervençaõ do dito Snr. Pimenta, e da qual quantia ficára este por fiador; outro sim constando-me, que elle tem dicto, que desse dinheiro a dita minha irmãa emprestou-me hum, ou dois contos de réis para levantar hum Palacio no mencionado Engenho; escrevi ao Snr. Consul huma carta mui attenciosa, pedindo-lhe, fosse servido ao pé della responder-me a verdade a esse respeito; a qual verdade he a seguinte. Quando minha irmãa em fatal hora, e talvez por meo respeito ultimou a sociedade do Engenho com o Snr. Joze Venancio Pimenta de Carvalho, precisou de dinheiros para compras de alguns escravos, bois, etc. etc.: o Snr. Pimenta offereceo huma carta para o dito Snr. Consul, naõ de abono; mas de mera introducçaõ. Meo Sobrinho Joaõ Sergio Cezar de Andrade, filho da dita minha irmãa, dirigio-se ao Snr. Consul; mas a esse tempo estava este Snr. no Rio de Janeiro; e por isso nemhum effeito teve a carta do Snr. Pimenta. Depois que voltou da Còrte o Snr. Consul, meo Tio Joze Fernandes Gama foi quem lhe fallou sobr'este negocio, e ficou por fiador de minha irmãa, além de huma hypotheca, feita em bens de raiz da, devedòra. Eis tudo, que se passou: e como o Snr. Consul teve a falta de delicadeza de me naõ responder, talvez por naõ descontentar ao Snr. Pimenta; convido ao mesmo Snr. Consul para desmentir estes factos publicamente; e desafio ao Snr. Pimenta para provar o que tem andado a dizer por ahì, sobpena de dever ser tido por mentiroso, impostor, e Calumniador. Espera pela resposta em qualquer dos Periodicos.

*Fr. Miguel do Sacramento Lopes.*

-- Antonio Luiz Gonsalves Ferreira, está legitimamente autorisado pela Confraria da Santa Casa da Misericordia da Cidade de Loanda, para arrendar por nove annos uma casa pertencente a mesma Confraria, na rua do Livramento, que lhe foi legada pelo Concelheiro o Padre Joaquim Marques; e assim mais os fóros dos Solos, em que esta ô edificados outras mais casas, em diversas ruas desta Cidade, tambem legados pelo mesmo Concelheiro á dita Confraria, incluindo-se nesse contracto os laudemios que o correrem nesse periodo. Quem quizer fazer esse contracto procure ao Anunciante na casa da sua residencia no Atterro da Boa-Vista N.° 3.

-- Compra-se um moleque oficial de anzoleiro: em Fora de Portas, caza N.° 28.

-- Vende-se hum moleque Criôlo, de idade 13 a 14 annos, sem vicios, nem achaques: na rua Direita Sobrado de hum andar D. 14.

-- Vende-se hum cavallo castanho, de bonita figura, bom carregador, e esquipador: no mesmo acima.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA N. 18